

VIOLÊNCIA E NADA

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

Violência? Eu amo a violência gratuita e inocente...
Minto. Eu gostava de amar a violência,

Um nada...

Um nada de nada...

Um viver por nada...

Um morrer por nada...

Um nada de nada...

Um nada...

VIOLÊNCIA E NADA

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

PARTE I

1.

Aqui,
na apatia dos dias incolores,
saúdo-vos como deuses:
o enigma do universo
está ao vosso alcance.
Continuai na vossa loucura,
para que amanhã,
aqui,
eu possa continuar displicentemente
a desejar-vos sinceros louvores.

2.

O zunzum caótico
que paira sobre a sala
não me é indiferente porque se impõe:
é uma sinfonia estranha e eufónica
aviltada aqui e além
pela voz altissonante, estrídula, insonora,
pelo ranger,
tinir,
bater,
manifestações de um sentimento abortivo
do luso rebanho atónito,
paralisado num medo estiolante.

3.

Pensamentos macróbios madeficam-se em láceras,
lacunosas congeminções,
hodiernas tentativas espirituais,

jáculos de irreverência pubescente
que irrompem do nada,
absurdamente,
sem motivo aparente ou causa próxima.

Aparições icásticas,
fulgurantes,
irrupções no hebetismo amorfo,
autênticos ataques anti-helióforos
que se extasiam em afagos narcisistas,
auges indizíveis e únicos,
capazes de suplantarem as lágrimas gólgotas,
o tédio,
o vício,
o marasmo quotidiano
e de justificarem a abortiva existência.

4.
Lampejos fugazes e metálicos
desprendem-se na atmosfera tumefacta,
vozes desencontradas,
tinires lapidescentes,
no compasso dissonante do burburinho,
na irreal revelação da realidade,
no suor que se espraia amplamente,
na vacuidade dos olhares amodorrados,
na sala do café pejada de sofrimento
das horas inexpressivas
e vagas.

Insinua-se,
na metafísica de um café,
que todo o homem é um latíbulo do Homem,
uma obsidiante necessidade de ser,
uma lacrimějante vontade do que não é.

5.
Sinto-me incontestavelmente só,
hoje,
subitamente hoje,
fulgurantemente hoje,
sem razão,
ou com um fundamento incógnito
que se enraíza
nas obscuras profundezas do meu ser.
Só e triste,
imprevistamente só e triste,
num desses meus assíduos estados depressivos,
tão meus,
tão nocivos,
tão lúdricos,
que a mais ninguém poderiam pertencer.

Há um sentimento trágico
que se revela em excruciante aparição,
anelante visão,
tão rápida, tão fatídica,
que me deixa por momentos absorto, extasiado,
incapaz de uma acção, de um riso, de uma fala,
como se estivesse perante uma revelação.

Ah sim, a minha merencoria
alimenta-se no quotidiano, sobrevive-o,
justifica-o,
completa-o.

Não que não gostasse de me extravasar,
de, num esforço supremo, romper as barreiras,
a canga congénita da minha inoperante solidão.

Mas, o que me espera? Onde socorrer-me,
se embato na solidude de outrém
tão sequioso e mendigante como eu?

O homem escabuja numa prisão,
nesse pirético limite que é a sua essência,
irremediavelmente,
hoje, amanhã, no futuro, sempre.

Resta-nos
alargar as fronteiras do que somos.

6.

Avulso
num micromundo de memórias
ainda sem passado,
fundamento-me no inexistente,
no vago,
tão avidamente,
que me julgo espontâneo,
sem raízes plausíveis e profundas,
elícito do nada absurdamente,
com o ferrete indecoroso de ter nascido.

7.

Suponhamos que o sol existe
e uma viatura levando-o às costas
pelo montículo abaixo não é miragem,
uma vez que todos os dias,
invariavelmente,
o sol nasce,
e os deuses antigos já são mortos.

Suponhamos que a música
que não ouço,
mas antevejo magenta suja
nesta manhã de sabão e cravo,
dissemina-se pela terra de pedra e charco
alimentando as ervilhas
com o som de maviosos pífaros,
uma vez que o campo rescende a sangue,
e me é impossível
pensar em termos de música,
visto que algo está errado,
e não sou eu,
não sou eu,
mas talvez as horas que não dormi esta noite,
ou o sol por nunca mostrar a outra face,
como por vezes mostram os que vivem comigo.

8.

Quem me sabe dizer o que é a arte?
Quem o sabe dizer?
Por isso, caro zoilo estereotipado,
por que motivos palpáveis e coerentes

apontas ao meu quadro frustrado
defeitos que podem ser qualidades?
Quem te disse que a má técnica é erro,
ou que duas pinceladas extravagantes,
com duas não menos extravagantes tonalidades,
é imperfeição na escala de valores
que a arte não tem?
Quem te afirmou peremptoriamente
que este poema é mau,
por isto ou por aquilo,
porque não tem rima,
não tem estética,
não tem ritmo,
não tem absolutamente nada excepto palavras?
Compreendes por que vomito arte
com o mesmo à-vontade com que tu,
se és normal,
defecas a horas certas,
uma vez que educaste o teu corpo?
Atinges agora o procedimento desdenhoso
que brindo à crítica humana?
Só deus poderia livrar-nos de um impasse,
mas deus não existe,
tu o mataste.

9.

Trago dentro de mim, desde que me conheço,
um mistério sem apreço
que me dá toda a grandeza de existir.
Sim, não estou a mentir,
transporto, desde que me conheço,

uma chave para a qual não encontrei fechadura,
mas sei que é bela e útil.

Não, não estou a fazer poesia,
as palavras não merecem tanto de mim,
a minha função é outra, maior...

...pobre diabo, alienado sem uma visível razão,
na fruste tentativa de uma possível criação,
logo hoje,
sáfaro e seco,
vazio e empedernido como uma rocha.

Anda,
vai agora dizer aos outros
que não existe a inspiração,
que cagas poesia como se tu fosses
as próprias palavras
e a sensibilidade
que as distribui numa coerência íntima.
Muda de vida,
deixa-te de flustrias.

Olha em redor. Vê a mulher,
por que não tentas uma comunicação?
Porquê, desgraçado, porquê,
se tu estiolas de secura e de tédio
na tua indiferença ervada de elação.
Não me venhas dizer que és tímido,
a tua timidez é a máscara camufladora
dessa necessidade estúpida de te sentires
superior.

Vai, chega-te à primeira mulher que vires
e lança-te aos seus pés pedindo amor;
não te preocupes com o ridículo romântico,
a vida também surge ridícula
e tu vives.

Diz-lhe que tens necessidade dela,
mente se preciso for,
que tu, bem o sei eu, não tens escrúpulos
porque não tens valores.

Mas abandona essa melancolia estúpida
e corre,
que a vida é o minuto,
e tu trazes o relógio parado
desde que nasceste.

Vá, desanda, desaparece ao som da música,
leva a peito uma conquista,
afunda-te no logro visceral do sexo,
e goza até ao orgasmo a vida que te deram.
Vai, faz do absurdo da condição humana
um baile em que tenhas a oportunidade subtil
de conheceres pulcras jovens votivas,
lançando-te assim com toda a fome
que consome
o teu corpo e o teu espírito.

10.

Se há coisa que mais goste na vida
é de fabricar com o meu suor o nada;
com toda a inteligência e vontade própria

deixar-me consumir pelo tempo acre,
esperando que a solidão
que me rodeia se revolte.
É tão bom estar assim, examinando o tempo,
cheio de boa vontade para o começo
do primeiro ofício
que valha a pena e o cansaço.
Depois,
a minha inacção só demonstra a minha coragem:
nem sequer, como os demais,
pretendo com o trabalho árduo
afugentar as questões que o tempo levanta.
Não, pelo contrário,
medito muito na vida,
passo-a a limpo todos os dias,
porque uma só noite é suficiente
para criar sedimentos,
e isso eu não quero,
teria no dia seguinte muito mais trabalho
no codificar da metafísica da estagnação.
Oh, a vida é tão estranha,
teria tanto para escrever,
que deveras,
sinto muita pena de não usufruir
de umas longas férias
para vagarosamente poder-lhes contar.

11.

Também tu, outrora,
consumiste o tempo perdido em ideias,
coseste taciturnas congeminções,

e chegavas a casa com o pénis desflorado,
tanto o amor
que vendias à esquina esporádica do tempo.

12.

Quem sabe!

Um dia desejaste viver
e imediatamente soçobraste
diante da realidade coagente
que o tempo e o espaço proporcionavam
aos homens que te cercavam melifluamente.

Já nessa altura suspeitavas de algo
que pairava no ar incognitamente.

Depois,

não tiveste a coragem de dizer a ti próprio
que um hiato se abria inopinadamente
no teu coração.

E começaste a mentir por bondade e despeito...

Até que um dia,

revoltado,

arrancaste a máscara do que eras
e expuseste impudicamente o sangue
do teu sonho.

Hoje,

quem sabe,

talvez ainda não vivas como desejaste,
mas já deixaste de mentir aos homens,
e isso é qualquer coisa na gratuidade
que constróis paulatinamente
para o que julgas ser o teu bem.

13.

Tenho perdido tempo e esperança e vida
na procura de uma unidade essencial
que me defina.

Procurava um temperamento,
um carácter,
uma personalidade,
uma só palavra que me contivesse.

Hoje sei que sou tudo, e tudo intensamente.

Trago comigo todos os universos que existem,
e até os que não existem,
porque diante do nada sou tudo.

14.

Os desvelos em que trago o meu corpo
anelante de sexo,

as prevenções que exijo de mim,
a reclusão propositada dos meus domínios
indevassáveis,

um paulatino encanecer de todo o desejo
de amar,

porque até hoje

não me apareceu uma mulher a meu gosto,
perlavada de todos os preconceitos estúpidos,
os que enlameiam a juventude de sombras e pecados;
uma mulher

pronta a dar-se por um amor sentido,
indiferente aos olhares obsoletos
dos sempre mortos.

Pensar que em outras civilizações esse problema
não existe,

faz-me sorrir de desdém por mim
e por todos os outros,
os que usam os ancestrais escapes
que a sociedade consente,
compreensiva com as soluções dos frustrados
que ela origina.
Eu sei que aqui,
nesta cidade vestusta e cariada,
o amor é burocrático e insulso,
segue aqueles estabelecidos trâmites ordeiros
sem nenhum percalço dito escandaloso,
como se os homens fossem os autómatos dos homens,
pau empedernido de sentimentos ossificados
pelo hábito.

15.

Serei o jovem adolescente hegeliano
com a respectiva repulsa pelos problemas
que a realidade impõe?
Mas o que me impõe a realidade?
Apenas a sobrevivência,
e da minha sobrevivência sou senhor todo poderoso,
posso acabá-la a qualquer momento,
basta um gesto extremo,
um desejo ardente,
um sofrimento.

Depois,
há uma grande mistificação
sobre a dita maturidade,
sobre a diferença entre o adulto e o jovem,

como se a meio do caminho se abrisse um hiato,
um irremediável abismo a separar duas vidas.

E as responsabilidades do adulto?

Existem?

Ou são mais prementes que as dos adolescentes?

...a família, o emprego, as relações sociais,

ópios de uma vida para ser esquecida...

Desconhecem que o homem é pai e filho

ao mesmo tempo,

e que os dois estados são indistinguíveis,

precários, ténues...

Onde acabará o filho e começará o pai?

16.

Blow up,

o jogo insólito

onde se joga a minha vida.

O estranho mundo da mímica

a substituir os gestos do quotidiano.

O viver o momento intensamente;

a convivência do desespero lúdico;

o sem-razão levado até ao paroxismo;

os olhos grávidos de água acre;

a necessidade humana de uma escora;

a inutilidade das palavras;

a solidão.

O verde do relvado que suporta o cadáver;

o automatismo dos modelos estultificados;

a frieza de umas paredes salificadas;

as carícias de duas mãos desempregadas;

o olhar significação das horas;
a descoberta do extraordinário na rotina;
o desinteresse pela álgida morte;
o prazer suado no deboche;
a impressão gelatinosa;
a solidão.

A devassa perspicaz de um insólito;
a fantasmagoria da suja realidade;
a fauna esquipática de uma geração;
a pesquisa levada até à exaustão;
a arte a confundir-se com a vida;
o relógio a marcar o tempo obsidiante;
o quotidiano transformado em tragédia;
um sopro de dor e alacridade;
a solidão.

A sequência final afónica,
paródia à vida ou desilusão amarga?
O silêncio infiltrado no sorriso de lágrimas;
a bola espaço deslizando em símbolo.
O que resta do humanismo ablutor?
Onde a remissão pelo amor?
O que é o homem?
A solidão.

17.

A contumélia do tempo...
Por vezes retardado, outras vezes acelerado...
Como pensar em mim
independentemente do tempo?
Tempo que me oferecerá um passamento,
os sofrimentos do constante devir,

as alegrias mesquinhas de um futuro brumoso,
o sonho da realidade,
a música suave de um inusitado instrumento.

Frendor do tempo – a monotonia.
Toscanejar do tempo – o sonho.

A delação das horas irremeáveis,
confusas de significação...

A velhice é tão eruginosa e promíscua,
eivada de fedorentos odores eructados,
de interjeições chatas e inoportunas,
de ralhos secos à juventude que vinga,
de vesga remela nos olhos sorvados,
da surdez que enevoa a realidade mutável:
um embrechado no árduo caminho do homem.

As perguntas obsidiantes que nos desfiguram:
valerá a pena?
valeu a pena?
vale a pena?
Se ao menos o suicídio fosse solução...

Onde vais amanhã?
O que fizeste hoje?
Quem encontraste ontem?

As acusações aos pais...

Tens tempo?
Não percebo como perco o meu tempo!

Se eu tivesse tempo...
No meu tempo...
Este tempo...

18.

O ilapso do fedor da merda que cago
é tão estúpido
como o limpar das almorreimas ao papel higiénico,
e no entanto defeco todos os dias,
salvo quando trago a figadeira estuporada.
E a bulimia pela minha autognose,
também não é estúpida?
E a logomaquia para exprimir o intangível?
Estou necessitado de uma urgente bebedeira
para afinar os meus sentidos ancilosados
pela inacção;
de uma prostituta
para festejar a ilusão do meu amor.

Estou sedento de carinho,
carinho em forma de casa redonda,
carinho miscigenado de alegria e dor,
carinho de lábios belfos, de peitos opíparos.

As relações entre o que sou e o resto
são tão desajeitadas, tão abortivas...

ih,ih,ih,ih,ih,ih,ih,ih,ih,ih,ih,ih,ih,ih

Só um louco atinge o âmago da realidade,
porque a realidade não tem âmago algum...

Só um louco atinge o inexistente,
por isso é louco...
Se não o fosse,
era o poeta que vomita estas palavras
como reacção à inexistência da realidade.

19.

Detractor estulto das mais variegadas sequelas,
aufiro do cálice da incompreensão,
torno suspeito o apodíctico,
sofro a solidão.

Falais de viagens? Do conhecer de outros mundos?
Mas que mais me pode oferecer a vida,
senão o estertor monótono das horas tórbidas,
os passos silenciosos e cordatos do Hábito,
os mesmos gestos praticados em momentos idênticos,
os dias sulfurosos cristalizados no Dia?

Já desejei fugir
à fronteira da minha costumada mundivivência,
procurar em plagas diferentes novas sensações,
sacar ao real o mais intensamente plausível,
colorir a estesia do bizarro avulso
ao quotidiano.

Mas não vês que da diversidade
de todas as coisas tudo resta idêntico,
mudam as formas, permanecem os substratos,
e os homens não podem ser mais do que homens,
embora isso seja horrível e tão amargo?...

Desconheces quanto sofro pela minha limitação...
A ânsia de ser tudo a toda a hora obceca-me,
e a impotência de sê-lo desespera-me.

É tão estúpido dizer-se:
vivo

e sou feliz por saber que um dia vou morrer,
e sou feliz por ter nascido.

Como se isso remediasse alguma coisa,
como se tivéssemos optado por uma resolução,
quando a nossa existência tem o azedume
da gratuidade.

Por certo que há dois tipos de homens:
os que vivem como se fossem eternos;
os que têm a consciência da sua efemeridade;
eu não me esqueço que viajo para a morte.

Mas os dias concretos decorrem normalmente...

Duas vezes como a solidez
do meu fastio,
uma ou duas vezes defeco a escória
do que sou,
algumas vezes mantenho anódinas discussões,
outras vezes transporto comigo
um obsidiante mutismo.

Faço por dormir o mais possível,
esqueço que tenho família,
aqueço-me no seio do sofrimento físico,
choro lágrimas eufémicas de engulho,
berro obscenidades com insuspeitada genica,
e declaro,
com toda a impudicícia,

a minha impotência,
plasmado a uma vida de injustificação
e contingência,
que o hábito já me suavizou.

20.

Canto o amor que já vivi outrora
na imbecilidade de uma juventude,
ou o desespero presente por não saber
o que sinto,
ou o mal-estar de um dia de vento a corroer
o significado da hora,
todos os problemas de todos os homens de todas as épocas,
exumando o universo no reverso dos seus imos inefáveis,
desvendando à luz
um turbido pensamento inquietante,
colorindo milhares de insinuações
de cinza e esgares,
comendo a loucura da loucura de estar só.

De que falo?

Sem dúvida de uma agudíssima loucura
que me consome e queima
a todas as horas possíveis
de todos os dias possíveis,
quando passeio na rua a minha tristura
de lágrimas e ranhos,
ou fito e bebo os olhos míopes de uma rapariga
tímida.
Mostrar a beleza

de todos os olhos que já vi ou imaginei,
eis uma missão digna de um poeta.

Os perfumes que vaguearam displicentemente
as minhas narinas,
que fedores polícromos traziam consigo?

Os invernos de todos os anos passados,
os verões queimados e difíceis de todas as idades,
os pequenos gostinhos que saco ao estar sendo,
todas as masturbações abortadas
que me prodigalizo,
tudo e tudo a todas as horas da vida,
contado de modo excelso e digníssimo
para que os homens futuros tenham conhecimento
da nossa existência,
para que possam dizer e sentir:
todos os pensamentos e palavras inventadas
existem,
foi o poeta do tédio
que o disse
em dia fértil de neurastenia lútea de dor,
quando os olhos garços de espanto enfitavam
no cosmos.

21.

Há dias em que as minhas sensações
se confundem com os objectos
e eu não sei onde acabo nem onde começo:
o mar de fenómenos suplanta o meu subjectivismo.

Como os objectos são desprezados...

A mesa bamboleante nas articulações suxas,
quão diferente é hoje da anódina de ontem:
tem duas gavetas tauxiadas no corpo,
quatro pernas,
paralelepípedos gigantes e hécticos,
um ar de maltratada e suja.

A irrupção de velhas ideias da adolescência
faz sorrir a minha consciência hodierna:
já tive um medo inconcesso
pelos postergados objectos,
julgava-os capazes de uma revolta de protesto,
tomando assim atitudes próprias da hominalidade.

Hoje, sirvo-me deles funcionalmente,
com indiferença;
raras vezes os desperto da sonolência
em que vegetam:
são meus irmãos e meus escravos.

22.

A prepotência:
ciência de coarctar
o seio prenhe de esperança
até o jugular.

A prepotência
do Homem aos homens,
da máquina ao homem,

da ideia ao sentimento,
do sentimento à ideia,
terrível passamento,
o estertor, o desamor,
o pecado de lesa-vida.

A prepotência
de um poder
a uma justiça.
A iniquidade
através das armas
ou do corromper subtil
das consciências.

A prepotência
a todas as horas do dia;
ora eu prepotente,
ora tu prepotente,
sempre a prepotência,
um defectível elo
nas relações humanas.

23.

Quando digo: estou triste,
já não sei se sou sincero,
é tão difícil estarmos certos
dos nossos sentimentos.
Talvez eu sofra o que penso
e não o que sinto,
que a certeza do que sinto é inefável.

Vivo sob o signo da morte,
sofro-a todos os dias,
nas horas vagas de lazer contínuo,
até ao acme do desespero.

Porquê agora, aos vinte anos?
Porquê quando o calendário indica
a minha juventude?
Sentimento premonitório do meu próximo
passamento?
Se ao menos me reconfortasse com a ideia
de que os deuses chamam precocemente
os eleitos ao seio divino...
Mas nem isso,
já não acalento ilusões primaveris,
sou lúcido,
embora isso não me sirva de nada
diante da morte.

24.
Fraternidade?
Já estou cansado de oradores
que viram a verdade,
já não suporto o olhar triste
da minha trivialidade,
e ainda há quem diga: fraternidade.

Que te posso dar que tu não tenhas?
Que posso eu gozar que tu não gozes?

Verdade

que preciso mais da vossa presença
do que vós da minha inquietude túrbida,
servis de elo estrénuo à vida que me foge.

Sim, preciso imensamente de vós,
dos vossos risos, da ingenuidade
que vos enforma...

A solidão enlameia a minha alma,
só a vossa companhia a poderá drenar,
por isso vos peço que me suporteis...

Fraternidade...

Pudesse eu dizer que sois meus irmãos,
que os vossos problemas são os meus,
a esta hora não estaria a soluçar como um cão:
auferiria como vós esta vida de todos os dias.

25.

Sinto a contradição da evidência,
o espasmo lúgubre de uma ausência,
o som deletério de uma vacuidade,
o calor indolente da efemeridade.

Para lá do imediatismo do meu viver
levanta-se a ingente significação do meu ser,
a descoberta estreme do meu destino acaso,
a realidade ou a sua inflectida imagem
furiosamente visionada num súbito hiato
(o enclavilhar único da razão e do sentimento
para a devassa do mistério que me devasta).

O que faço e penso,
o que vejo e antevejo.
a origem e o fim,
o estar sendo irrecuperável,
justifica-se e traduz-se por segundos
no meu sentir indizível.

Não há sons nem símbolos para o inefável,
é o visceral que molda o sentido,
tudo é nada.

26.

Apercebo-me, contudo,
que sou carne para a voracidade da História,
um elo a ligar duas gerações,
um futuro para o passado,
um passado para o futuro,
um presente
para ponto de partida num compêndio
de história.
Sou uma página marchetada na idade
do universo,
um sonho quimérico na imaginação suada
de um antigo,
uma poeirenta saudade pretérita
para o mistério.

27.

Tenho os olhos dormentes da pesquisa,
um cansaço amarelo de tudo o que vi:

– límpida folha da heráldica metafísica,
substrato doloroso da superficialidade,
desejo anelante de coesão interior.

28.

SE DEUS EXISTE EU SOU DEUS
SE DEUS NÃO EXISTE EU SOU EU

29.

Há tardes e foices no meu sorriso,
é amargo dizê-lo porque é verdade.
Há cardos e vícios no meu olhar,
é amargo dizê-lo porque é verdade.
Há lágrimas e rugas no meu sentir,
é amargo dizê-lo porque é verdade.
Há lodo e estertor no meu falar,
é amargo dizê-lo porque é verdade.
Há insónia e medo no meu dormir,
é amargo dizê-lo porque é verdade.
Há desespero e ócio no meu pervagar,
é amargo dizê-lo porque é verdade.
Há vento e absurdo no meu exaurir,
é amargo dizê-lo porque é verdade.
Há tardes e foices no meu sorriso,
é amargo dizê-lo porque é verdade.

30.

Em que hora,
em que dia,

em que mês,
em que ano,
lês o absurdo do meu sentir?
Queria apenas dizer-te que os meus versos
são o reflexo dos meus dias,
e as palavras as horas da minha vida.

Estás a julgar-me porque me lês,
e trazes já no teu seio
uma palavra,
ou uma breve frase expressiva
para denunciares o que eu sou.

Só te quero dizer
que me é indiferente o teu juízo,
ou o teu ódio pelo que digo,
ou o teu amor pelo reflexo do que és.

Nunca escrevi para ninguém nem para alguma época.
Os meus versos são como eu:
nascem e vivem sem sentido.

31.
Por ti,
ideia subtil,
não daria um passo.
O sangue do teu esplendor
não é nada diante de um abraço,
e é com pessoas que faço amor,
não com uma aparição fútil
que logo se esvai.

32.

Não.

Não é isso.

O clangor da tua voz é monocórdico,
o brilho do teu sorriso esporádico,
a brevidade do teu olhar um sonho.

Deixa-te ficar onde estás,
não perturbes a minha estesia
com a fealdade súbita
da tua pulcritude festejada.

Diante da vida não vales nada.

33.

É-me indiferente

que tu me digas o que sou.

Ou que atinjas o porquê do que sou.

Aceita-me simplesmente como sou.

Há tanta metafísica nos teus lábios
que não compreendes
o prazer do meu beijar.
E no entanto, as tuas especulações
estão laivadas de vacuidade onanista...

Por que não te resumes ao sussurro
do teu olhar?
Talvez assim conseguisses desviar o vento
para podermos passear
debaixo das nossas insignificâncias...

Repara no estertor glauco do mar,
chove prata sobre a nossa frivolidade superior.

De que te serve saberes quem sou?

34.

Por favor,
não me reveles nada de importante...
Sim, o que fizeste hoje,
o que farás amanhã...
Sim, de facto o vento é aborrecido,
felizmente que ainda há vento.
Estava a brincar, não lighes...
Mas diz qualquer coisa que não seja
importante,
o teu mutismo sabe-me a morte.
Fala...Por favor...
Que tenho um olhar enigmático?
É muita bondade...
Mas sou simplesmente míope...
As pessoas sempre a mistificarem,
dando importância a coisas sem importância.
Está frio... Mas não é importante...

35.

Um homem traz no rosto o tédio,
no peito duas angústias enlatadas,
no sexo um cansaço.

Vai à praia mais próxima,
vomita dois pesadelos nas águas do mar,
defeca um mal-estar averdungado,
e dó dois tiros nos miolos.

Pergunto
se era necessária tanta justificação
para um suicídio banal.

Claro que a história de um suicídio
é sempre trágica,
excepto em dias de chuva.

Mas no fatal dia desse suicídio banal
estava um lindo sol.

36.
Estou cheio da plenitude de estar só,
o vazio também enche o vazio
e cansa.

Tenho os olhos cheios de cansaço,
a boca hiante de dó.
O sentido esguio
da dança
da girândola de um ser lasso.

37.
A fome
A fome que devora

A fome que devora o homem
A fome que devora o homem é traça
A fome que devora o homem é traça da esperança
A fome que devora o homem é traça da esperança de outrora

38.

Noite de sentido diurno,
com o silêncio de um espaço sideral
onde o banal
da existência de hoje
canta as mesquinhices superiores
de um fétido futuro longínquo.

Que seria do homem sem futuro?

Escarro doloroso de um vômito de sangue
periodicamente ejaculado
através da placidez noturna de um desejo.

Em todo o pensamento
coexiste um ávido beijo
e muito mau hálito.

Chamem os varredores dos papéis frustrados...
O dia foi fértil em esperança.

39.

Nunca, em tempo algum,
houve tanta necessidade em mim de nada.
O cristal do esplendor da indiferença

tange o vitral de um vazio por sucumbir.
As horas são firmes sustentáculos das raízes
e os gritos cavos charcos de madrugada.
Um céu de troncos esbarra o meu caminho
e o fogo do desespero estiola-se no quotidiano.
Só uma rocha de sinos suportará o vexame,
encalhada no começo monstruoso da jornada.

40.

É ilusão a teia de linhas e nós,
a aranha escrava da fome petrificada.
Escurece nos olhos antigos de um punhal
a sombra do mundo incendiado por um frio.
Passa um amestrado rosto de saliva
na náusea diurna de um murcho tempo.
Para quando o sórdido vislumbre
de abissais pedras de eco e vento?
Rasga-se o mundo irisado de palavras
para que o tédio sacralize o estar sendo.

41.

Ouçõ as pálpebras de uns dedos duros
entre girassóis e êmbolos de relógios,
som demiurgo que um futuro arquiva
no cálido abandono da última apoteose.

É o perfil doce dos lábios de cinza
comendo esbeltas torres de azedume
com um lirismo digno de compaixão.

Quando o fruto do cimento enlouquecer,
levem-me ao talho do silêncio e amianto
para o fogo ressuscitar a abstracção do viver.

Então sim, as florestas das imagens extravasadas
deixarão o reino podre das fichas codificadas
e surgirá uma perdida razão para se ser.

42.

Nem sempre a alacridade túrgida
do meu sentir
evapora risos de flores azuis.
Nem sempre as horas surdem suaves encantos,
eversoras tenazes da depressividade.
Comigo estão as forças divinas
de um passado,
estrépitos antigos de euforia,
afluxos estritos de felicidade.

É indecente o pundonor da estesia
diante das alegrias estrídulas do meu viver.

Visiono o amor ingénuo de tudo o que já vi,
os calores rubicundos de uma máquina funcional,
os verdes icásticos da paisagem periódica,
a presença irrefragável dos objectos incomodativos,
a luz obscena de um dia de verão macerado,
o luar telúrico no rosto adolescente de um ser.

43.

Exaurir a vida
com uns milhares de versos...
Como se isso fosse possível.
Curva-te diante do esplendor intangível
e canta-o se o puderes.

44.

Em mim
a vida resume-se a uma dúzia de obcecações:
sofro a parte que me cabe.

45.

Tanjo o incerto ritmo da morna eficiência
oriunda das atitudes ancestrais da egoidade
que permite a fluidez de forças esotéricas
no conteúdo insuportável da genialidade.

Um sopro dinâmico desfaz a monotonia exausta
encerrada na tibieza litúrgica da criação,
elevando numa linguagem suja e báquica
a dor alojada numa subterrânea previsão.

Fenece em carência de densidade humana
a ilusão envelhecida de uma possível remissão,
o cansaço polui as fórmulas inesgotáveis,
resta uma flexível transparência de mímica.

Sob o signo da ambiguidade simbólica
surgem as triunfais trombetas e timbales,

fantásticos oboés e flautas dionísicas,
para o saimento precoce das minhas cinzas.

46.

Sobretudo não dizer o que se sente,
nem fazer sofrer os outros com a nossa loucura;
revela-se sempre num tom indecente
a dor que nos sulca e tortura.

O sol existe todos os dias,
é monótono na vitalidade que prodigaliza;
não chega a incendiar as mãos frias,
nem traz consigo um halo que suaviza:

é mais uma inutilidade imprescindível,
como o choro estúpido de uma criança,
ou a estranha força obscura indizível
de um não sei quê a que chamamos esperança.

47.

O que fica de um dia?
A espuma
e a esperança
de que algo aconteça no próximo dia.
Disse todas as palavras
que deveria ter dito
numa conversa sem importância?

Mas a noite vem,
acalma a dor,

e o sono lança um facho de terra:
vivamos ao menos em sonho.

48.

Não que nada tenha importância.

Eu é que não tenho importância diante do nada.

PARTE II

1.

Não deixes para hoje o que podes fazer amanhã:
talvez assim consigas adiar por um dia a tua morte.

2.

Uma alegria longa demais para ser só alegria.
Como se não fosse importante neste mundo.
Uma euforia de vozes e de risos.
Como se o instante fosse eterno.
Um zéfiro tão dolente como um sussurro.
Como se o corpo fosse a expressão da alma.
Uma erecção tão rápida como um grito.
Como se o prazer fosse um estertor de vida.

3.

A minha felicidade é tão grande e monstruosa
que não a sei definir.
Tudo o que é detestável e corrosivo
faz parte do que chamo a minha felicidade.
Estou para a vida como um sol para a noite,
é nisso que consiste a minha inoperância.
Os homens fazem isto e aquilo?
Deixai-os fazer,
que já é bom o não descobrirem por que o fazem.
São ingénuos?
Nem pensar numa coisa dessas,
eles são trivialmente funcionais,
imprescindíveis para a construção da minha angústia.
O que são, já está justificado,
porque eu consenti em servir-me deles como um deus.

Tu trabalhas para levares a tua vida ao calvário?
Pois trabalha que só te faz bem.
Tu ambicionas uma posição entre os homens?
Pois ambiciona que não te faz mal algum.
Tu corres à procura da tua felicidade?
Pois corre que um dia alcançá-la-ás.

Mas fica sabendo que a contemplação e o ócio
são apanágio dos deuses...
ou dos preguiçosos como eu.

4.

Uma dor vaga de carinho percorre a sagesa
do meu corpo.
Nas minhas pálpebras em luto
todas as insónias dos meus sonhos.

Eu, pequeno homem de um país insulado,
com o surrão cansado de milhares de anos,
reflexo opaco de uma visão pessimista.

Meus pais são as dores do mundo,
os meus filhos as máscaras de um entrudo.
Rir em voz alta o meu desânimo sem substância
é a estranha profissão de um desempregado.

Só do nada se pode partir para a acção
num mundo de possibilidades sem sentido,
com a certeza de que tudo pode ser feito
porque nenhum obstáculo para a realização.

Acredito mais nos que vivem sem raízes,
prontos para a alegre gratuidade de construir,
sem velhos sonhos nem esperanças vãs,
sem molas impulsionadoras de precaridade,
com a consciência de um fazer sem razão.

Onde estão os homens desse vizinho futuro?

5.

Um nada...

Um nada de nada...

Um viver por nada...

Um morrer por nada...

Um nada de nada...

Um nada...

6.

Sono.

Sono sem vontade de dormir.

Sono zorrague de névoa na minha lucidez.

Sono interino de apaziguamento.

Sono de nervos amodorrados em nó.

Sono sem venda nos mercados.

Sono para dias excepcionais.

Sono com insinuações de morte.

Sono inoportuno de inconsciência.

Sono de canção de embalar.

Sono de bolor.

Sono sem sono.

Sono.

7.

Este desconforto sem razão.

A obscenidade do viver.

A doença de ser.

Mas não vale a pena soçobrar:
isso seria demasiado para mim.

Um amor?

Por que não?

Tudo é possível...

As possibilidades não se esgotam,
monstros de chibatadas na minha frouxidão.

Frouxidão?...

Nem isso...

Uma qualquer coisa sem coisa...

Uma dor sem ferida...

Um palhaço sem a possibilidade de acrobacias...

Um suspiro de enfado...

A vida continua?

Talvez...

Como talvez?

Idiota!

Este desconforto sem razão.

8.

Viver entre duas insinuações de pedra e cal
dilui a minha necessidade de sol e água fresca.

Eu sonhava com uma casa sem paredes
e com um olhar para o infinito do horizonte.
Porque não é sem mais nem menos que se constroem
habitações,

é antes um instinto de suplantar a morte.

Por isso eu não sorri com a conversa
do velho casal sobre os projectos
de uma nova residência,
onde os últimos anos seriam rosas de ócio
num esperar.

E a importância da pedra para os alicerces
ou da cor dos azulejos no quarto de banho,
não é uma frivolidade sem sentido:
é uma opção do homem diante do tempo.

Também eu sonho com a casa que nunca possuirei,
porque não haveria arquitectos para a realizarem:
somente dentro de mim tomaria forma de imóvel,
independentemente do meu contínuo soçobrar.

Uma casa com canteiros de luar
e repuxos de pederastas ébrios de felicidade,
com quartos de candelabros suspensos no meu olhar,
de uma nostalgia pela ficção de um longínquo futuro.
Os meus passados seriam as naves espaciais
e a minha terra de origem os satélites da conquista,
os meus passos inúteis as rotas de voo no vazio,
o meu túbulo um computador de tempo sem início.

9.

Esta força sem gestos úteis.
Este desejo intenso de ser,
criando.

Este alvoroço de uma luz sem raios.

Este deflagrar de cansaço em água.
Este desamor à inoperância do tempo.

Porque um roldão de sangue e de cor
expande em mim insinuações de jaspe,
tentativas de fuga para o inefável,
invasões de alegria no sacrário da dor.

Esta alegria sem mais nada,
inocente como o velho diante da morte,
ingénua como as carícias de um adolescente.

Esta força de criação.
Esta vontade de berrar feita poesia.
Este amor às palavras que salvam.
Este destemor aos engulhos da vida.

Dizer, dizer tudo e mais que tudo,
dizer o nada com sublime futilidade,
dizer as ninharias das vidas sem sol.

Esta vibração sem nervos mas com raios de febre.
Esta indeterminação sem os casos do dia a dia.
Este suspiro de ódio a uma existência epidérmica.
Este raivoso superar de horas amarelecidas pela incerteza.

Porque tudo tão longe das palavras fantasmas,
tudo umbilicado no ser e no existir,
tudo solidário com o nascimento da morte,
tudo mais do que um solitário sentir.

Esta força...esta força...esta força...

10.

Gostaria que os meus poemas fossem difíceis de dizer,
para que os homens não fizessem deles pretextos
para reuniões literárias.

Duas horas de recitais poéticos
são menos duas horas de vida.

Não me venham dizer que há mais vidas,
já não vou nisso...

A minha conquista é viver como dantes,
mas com outros fundamentos,
mais pessoais e à medida da minha ânsia.
Mas não se trata de uma conquista:
antes uma aprendizagem involuntária.

Para quê julgarmos os nossos caminhos inóspitos
e a nossa vida um desbravar de espinhos?
Por que não teremos a lucidez de saber
que todos os nossos actos são fáceis
antes da morte?

Um mitificar sem prejuízos,
mas também sem proveito:
uma gratuidade.

Gostaria que os meus poemas não fossem escandalosos,
porque só um ingénuo cai na tolice e na infantilidade
de pensar que espanta os homens.
Uma nova ideia, um novo invento,
o que é isso,
diante da antiquíssima presença humana?

11.

Um monólogo.

Um ritual de esporra intelectual.

Um espremer de sentimentos.

Uma confissão sem subterfúgios.

Um ataque na pacacidade.

Um monólogo.

12.

Uma árvore na primavera deve ser mais feliz
que a minha solidão de todo o ano.

Por isso as árvores me são indiferentes.

13.

Já pensei em momentos de lucubração inventiva
o que seria o mundo sem o homem: era um estúpido:
o mundo não seria absolutamente nada sem o homem.

O mundo? O mundo? O que é isso?

Um sabre de dor nas entranhas do meu sentir,
uma luz de problemas no meu entendimento.

Uma sombra que desconheço mas que passa à minha janela:
eis o mundo.

Uma notícia de jornal sobre um desastre:
eis o mundo.

Uma relação amorosa com uma prostituta séria:
eis o mundo.

Mas o mundo que sinto e testemunho é diferente do teu,
por isso dizemos convictos:
o meu mundo.

Porquê este levantar de problemas numa segunda-feira?
Tem sentido? Mas claro que tem sentido,
por que não haveria de ter sentido?

Um beijo numa mulher não tem um sentido?
Por que ficas espantado com os teus pensamentos
de segunda-feira,
como se fossem uma coisa do outro mundo?

Outro mundo?

Sim, o outro mundo em que não cremos mas que vivemos
ao negá-lo,

sabes que a vida é complicada
e cheia de incongruências...

Eu concordo que tu te aborreças com os meus sermões
sobre a vida,

mas isso não muda em nada a relativa verdade
dos meus raciocínios.

Pelo contrário, quase que os justifica.

Tu não vês que é mesmo assim?

Mas se realmente não vês, não te inferiorizes,
eu posso estar enganado no que pressinto:
é a minha única consolação.

Não percebes porquê?

Mas é fácil,

quero dizer com isto que tenho uma chance ainda,
uma saída no meu erro que desejo porque desejo,
ou, se quiseses, porque estou condenado a desejar.

Que importância tem o estarmos condenados?

Impede que um homem viva? Ou que morra? Claro que não.

Vês como hoje tudo é simples?
Temos que aceitar esta simplicidade
como amanhã aceitaremos uma complexidade anfigúrica.
Sem soçobrar, meu homem, sem soçobrar...

14.

O Homem.
A grandeza do Homem.
A divindade caseira do Homem.
A luta pelo Homem.
A filosofia centrada no Homem.

Vive-se sob a ditadura do Humanismo.
Se quiseres ser livre nega o Homem.

15.

Tenho pensado muito nestes tempos. Demasiado.
E compreendi que todo o pensamento é obsceno,
e mais obscena é a máquina da inventiva.
Eu sinto-me fazedor de filhos de prostitutas,
estranhamente chulo sem clientes chorudos,
apanhado em flagrante de um delito monstruoso,
pai de enjeitados vomitados em conventos.
É que a ideia nasce e não morre mais,
quanto muito pode ser esquecida por uma quadra,
depois torna a eclodir com o estrépito inicial.
E vai geralmente influir na vida dos homens...
E a vida dos homens também influi no pensamento.
Disse: tenho pensado muito nestes tempos.
Mas nunca é demasiado. Pensar é viver.

16.

Tudo o que digo está demasiado aquém do que eu sou,
talvez porque diga mal as coisas,
ou as coisas que digo sejam necessariamente más de dizer,
este círculo vicioso que já não me choca
nem me perturba,
antes me instiga a dizer mais e mais,
nesta conquista sem vitórias nem batalhas,
mas conquista, porque eu a sinto como tal,
e o meu sentir é o déspota do meu viver.
Mas não era isso o que tentava dizer,
se o disse foi sem culpa e com acerto,
talvez muito mais próximo da verdade
que a revelação que pensava confessar,
porque essa ficou na saliva do meu pensamento,
sem força para invadir a fragilidade compacta
das palavras.

Este silêncio de tarde morta sufoca-me, inebria-me,
empurra-me para gestos e actos de loucura que suporto,
porque sou fluido e viscoso como gelatina inconsistente,
refluo sem ser esviscerado pelo estilete da monotonia,
sou um saco de esgares que suporta todos os vexames.
É inumano este meu estado indefinível.

Não é nada que se pareça com uma angústia ou um engulho,
nem com o sentimento doloroso de qualquer coisa,
nem sequer com uma sensação gratuita e sem motivo.
É uma existência sem matéria e sem forma e sem espírito,
é mais um nada na minha vida...
Mas eu não sou um homem estranho,
não pensem numa coisa dessas, sou como vós,

e com certeza todos vós sentis o que sinto,
pelo menos em certos dias e a certas horas,
senão, estou terrivelmente só com as minhas visões,
que não são visões nem alucinações, mas factos
tão perspicuos como esta vida
que vou exaurindo sem tréguas ou hiatos...

E eu não poder ser mentiroso comigo próprio,
não poder evitar este excruciante Nada com um engano,
não conseguir vomitá-lo como a um escarro incomodativo!

17.

Estou perdido.

Perdido?

Que dores de cabeça...

Que...

Esta justificação sem provas.

Não, não me fales,

deixa-me por momentos com este...

A palavra? A palavra?

Não existem palavras para o que sinto...

Porquê? Porquê? Porquê?

Estas convulsões estáticas...

Um furor de neve nos meus pulsos,

é isso, é isso que sinto.

Não, não é isso...

É qualquer coisa como um...

Um...Um...Um...

Estou perdido...perdido...

Mas por que não há palavras para o que sinto?

É uma coisa verdadeiramente nova?

Recente?
Mas como?
Como?
Estou perdido.

18.

Eu, o adversário do Homem
pelo simples facto de criar.
E este amor injustificado...

19.

Estou
naquele ponto em que escrever é acalentar
contradições.
Procuo apenas uma coerência contraditória.
Alguma coisa em mim diz que ela existe,
mas essa qualquer coisa não me dá autoridade
para o afirmar abertamente.
É que eu jogo com elementos suspeitos
ao meu vício racional.

20.

Um longo desembocar em sentimentos dispersos,
como nesses dias de loucura asseptizada em silêncio,
com os nervos de aço num corromper das palavras
quando o homem que sou se julga mais.

A estupidez desses momentos com uma razão irrazoável,
sem proveito para ninguém, excepto talvez para a dor
e para um sentimento megalómano de asas sem voo.

Que relação entre este azul e esta dor?
E no entanto essa razão existe porque a sinto.
Hoje posso dizer que perdi o meu inconsciente.
Não me perguntem porquê.

21.

A saudade dos tempos passados que foram meus?
Mas que saudade? Isso nunca teve existência em mim.
A ambivalência do tempo que já vivi,
a sua inexistência real,
a sua deluzida vida psicológica,
que sentimento pode esperar de mim,
senão a sinceridade de dizer que já fui?
Voltar atrás? Mas para quê?
Nunca a minha infância foi ingénua ou fácil de viver,
e se o foi foge de todo à essência do que fui.
Se fui marcado por factos indeléveis?
E por que não? Mas que importância tem isso?
Dizer que sou o que eles me determinaram,
é falso, porque afinal eu tinha que ser alguma coisa.
Por isso eu não acuso o meu passado,
nem o entronizo.
Existiu como existem agora estas palavras...

Como, e no entanto, todo o apego ao passado
fosse o sinal de quem luta contra o presente...

22.

Ah, o estar incompleto na vida:
o viver incompleto,

o pensar incompleto,
o sentir incompleto,
o morrer incompleto.

23.

Quantos anos tens?
Vinte anos.
Que idade tão nova
para a tua imortalidade.

24.

Felizmente que quem escreve
não está condenado à vida.
Só são eternos os que colaboram
com os homens do futuro.
E colaborar é mentir.
Por isso os pensadores antigos
são os culpados das nossas vidas.

25.

Que ideia me consome nesta tarde?
Nenhuma.
Que sentimento estou a incubar?
Nenhum.
Como consigo sobreviver?
Este hábito de tudo, este cansaço sem tempo de fastio,
esta primeira impressão de todas as coisas...

Uma ideia fixa, estou a precisar de uma ideia fixa...

Ah, deram ontem dois tiros num senador americano,
vou fazer todos os possíveis para meditar no caso,
para reter a estúpida revolta que senti quando o soube,
para me entreter com este achado verdadeiramente oportuno.

Mas eu preferia que os problemas humanos
não se resolvessem com tiros.
Violência? Eu amo a violência gratuita e inocente...
Minto. Eu gostava de amar a violência,
porque acho humano o gostar de alguma coisa.
(Que eu possuo uma afectividade que se perde
nos caminhos,
uma afectividade esparsa e inactuante,
que sem dono se estiola na solidão dos meus risos.)

Eu
que já fiz tudo para não amesquinhar o meu viver,
que procurei em tudo uma razão,
que desejei em tudo um sinal,
que mitifiquei em tudo uma importância,
cumpro agora o meu ciclo vivencial.

Porque se estivesse desesperado,
diria:
estou desesperado.
Mas diria alguma coisa que me afectava,
qualquer coisa que me terebrava o sentir,
qualquer coisa que me esventrava a alma.

Dou com o meu repetir, sei que já disse o mesmo,
e sei que não posso dizer outras coisas.

Então, para quê escrever?

Um castigo infligido pela minha raiva de não ser?

Mas eu sou, nunca duvidei da minha existência,
eu sofro a minha existência...

Que quero mais?

Não sei. Não sei. Não sei.

Não sei e gostaria de saber,
preciso de saber,
exijo de mim um saber.

Esta batalha sem tortura,
este voltar à cepa torta,
onde um significado de tudo isto?

Se ao menos fosse um alienado
para ser acusado pelos meus contemporâneos,
um indivíduo que foge aos problemas da vida...
Mas problemas era o que eu desejava,
como posso fugir ao inexistente?

Forçar-me a sentir como os outros?
Por amor aos outros?
Mas eu já o faço na minha vida,
a minha benevolência é um rio de mel,
e os homens os sugadores deste engodo
insincero.

PÓVOA DE VARZIM
1967 / 1968